



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Não é saltar, é voar! Sentidos da prática do parapente na copa mundial

Autoria: Marília Martins Bandeira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Raquel de Magalhães Borges

Em Janeiro de 2017, foi realizada em Governador Valadares/MG, a etapa Superfinal da Paragliding World Cup (PWC) 2016, com 123 competidores, sendo 112 homens e 11 mulheres, de 22 países. O parapente é uma modalidade do voo livre, bem como a asa delta, caracterizado pela literatura como esporte de aventura devido à sua relação com a natureza e o risco da lida com o incontrollável de seus fenômenos. Este estudo além do perfil sócio demográfico dos pilotos do PWC e dos sentidos conferidos à modalidade, procurou investigar a relação dos competidores com os locais de prática. 41 homens e 6 mulheres, de 16 nacionalidades responderam questionário aplicado antes e após as provas. As mulheres tinham entre 34 a 53 anos, e os homens entre 19 a 51 anos. A maioria dos respondentes (26) tem ensino superior, 9 cursaram pós-graduação. Os pilotos foram questionados sobre como definiam sua modalidade, quais motivações para adesão e o que representava em suas vidas. Nestas 3 perguntas, obtivemos 133 respostas distintas, sendo que, foram expressões mais frequentes: (21) divertimento/prazer; (15) liberdade; (10) contato/integração com a natureza; (9) sensações extraordinárias; (8) estilo de vida/sentir-se vivo; (8) esporte; (6) desafio/aventura/excitação; (6) viagens/novas experiências; (5) sonho; (5) sentir-se pássaro; (5) sociabilidade/amizade; (5) relaxamento/descanso; (5) ser acessível/fácil de aprender; e (4) lazer/hobby.



Competição apenas duas menções, embora esta fosse a etapa final do campeonato mundial da modalidade. Apesar do contato/integração com a natureza aparecer como terceiro sentido mais frequente, e quando perguntados se a modalidade estimulava a educação ambiental, 23 terem respondido ?sim?, apenas 3 sinalizaram como: pilotos jogarem sementes em áreas degradadas durante o voo e oportunidade de educação do público nos eventos. Concluimos que, o perfil sociológico destes pilotos coincide com o registrado pela literatura sobre atividades de aventura com predominância de homens brancos de alta escolaridade. Apesar de serem a elite do parapente competitivo mundial, os motivos de adesão e sentidos da prática apresentados pelos pilotos coincidem com valores do lazer, principalmente a sensação de liberdade. A justificativa é que o esporte não remunera e, portanto, não é profissional. Entretanto, o sentido de competir supera o sentido de educação ambiental, pois, ações concretas relacionadas ao cuidado com a natureza e engajamento na solução de problemas de locais sede dos campeonatos não são mencionadas por eles. Concluimos que os esportes de aventura nem sempre resultam em ações pró-ambientais, assim como competições de alto rendimento podem ser vividas como lazer. Em específico marcam que sua modalidade é de voo e não de salto, diferente do paraquedismo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: